

Entre Códigos e Sentidos – Duas Poéticas Femininas Contemporâneas: Martha Medeiros e Inês Lourenço

Prof.^aDr.^aCLAUDIA PASTORE¹
UNIP / UniAnhanguera

Resumo: O presente trabalho tem como objeto as escrituras da brasileira Martha Medeiros¹ e da portuguesa Inês Lourenço², ambas autoras da contemporaneidade. Buscamos realizar uma apreciação crítica das duas, no que tange aos dois planos escriturais; o do conteúdo e o da expressão – o estético e o extra-estético, enfatizando-se mais este segundo. O enfoque será direcionado à expressão de gênero, assim como à expressão erótica incutida em suas escrituras, principalmente no que se relaciona à poesia.

Palavras-chave: literatura feminina, poesia, contemporânea, erótica.

Martha Medeiros:

“O que dizer da sua literatura que, basicamente, não é uma poética, uma escritura, mas sim uma fala? Uma fala feminina, uma incrível e bela fala feminina. Em seus poemas, Martha se despe de qualquer preconceito, ela põe a nu as palavras e é, exatamente por isso, que elas nos chegam tão verdadeiras, tão certas, desprovidas de chão, tão estrelas. Com seus poemas, Martha Medeiros nos responde de maneira simples e concreta a tão célebre pergunta que paira através dos tempos: “o que quer uma mulher?” Tudo. Essa mulher moderna, contemporânea, atual e, nem por isso menos sofrida, menos machucada, menos batalhadora; quer tudo o que possa fazê-la feliz. E esse tudo, sai dos contos de fadas para entrar no mundo real, no mundo urbano, no seu mundo, no nosso mundo. Em sua crônica intitulada, justamente com a famosa pergunta, “O que quer uma mulher”³ ela nos diz que “lá no fundo, a carência existencial herdada no berço, jamais será preenchida”. Somos carentes, então? Será por isso que, à maneira de Allan e Bárbara Pease⁴, os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Martha nos diz que a pior morte é a do amor. Porque a morte de uma pessoa é o fim estabilizado, é o retorno para o nada, uma definição que ninguém questiona. A morte de um amor, ao contrário, é viva”⁵

Martha celebra a vida, não fazendo disso uma carnavalização isenta de sentidos; a vida real, com seus altos e baixos, e, dentro desta vida, o amor, a paixão. Ela nos fala dos filhos, das relações lícitas ou ilícitas, da lealdade, da traição, das perdas e danos mas, da morte, ela nos deixa clara a sua repulsa: “morrer é que não é normal.”

¹ Escritora e jornalista, natural de Porto Alegre, colunista do Globo e do Zero Hora, publicou 18 livros, dentre eles, *Divã*, lançado pela editora Objetiva, sendo adaptado para teatro e cinema.

² Escritora e professora universitária licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

³ Medeiros, M. Trem bala. P. 18.

⁴ Pease, Allan. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor. Sextante.

⁵ Medeiros, M. Fora de mim. P. 51.

*“Parto do princípio
Que todo parto é natural
Nascer de cócoras, na água ou com fórceps
É nascido igual
Cirurgia computadorizada
Ou dar à luz entre índios
Todos no fim são bem vindos
Morrer é que não é normal.”
(MEDEIROS, 2010. p.155)*

Então, voltemos à vida, à poesia viva de Martha Medeiros e, dentro da vida, como não o erótico, a presença de Eros livre e solto como só ele sabe ser?

*“Não sei qual foi meu delito
Mas eles têm todas as provas
Juram ser minhas as digitais
Encontradas num homem casado”
(MEDEIROS, 2010. p.134)*

E quem disse que Eros respeita algum tipo de convenção? E quanto à dor? Martha nos mostra suas feridas abertas, feridas de amor, feridas de desencontros, feridas de desilusões: “o sentido da vida / é o que a gente sente / por um amor que / nos deixa doente”.⁶ Martha fala o que ninguém fala, mostra o que todos escondem. Talvez seja por isso que sua poética nua seja tão interessante e contundente ao mesmo tempo. Martha Medeiros ocupa um espaço já há muito percorrido por tantas outras vozes femininas que sofreram tanto ou mais que ela. Como exemplo: Adélia Prado, Cecília Meireles, Olga Savary, Leila Míccollis...mulheres estas que tiveram muita coragem de não calar num tempo em que a sociedade tapava com as mãos, as bocas que insistiam em profanar os desejos das mulheres que, na verdade, não deviam ter desejos. Talvez Martha tenha tido a sorte de profanar num tempo menos corroído por chauvinistas insanos. Talvez Martha tenha ocupado, não sem grande maestria, esta estrada, mais limpa, mais plana, menos sórdida, com sua voz de poeta, com sua voz feminina, com sua voz de mulher destemida, falando dos sentidos de uma maneira mais tranqüila, por possuir ciência desse espaço outrora percorrido. Lembremos, portanto, Adélia Prado e Olga Savary que, não muito longe, nas décadas de 70 e 80, assumiram tamanha ousadia para mostrar o erótico em suas escrituras, com a finalidade de demonstrar, além da arte, o seu repúdio ao machismo da sociedade vigente.

Nas palavras de Martha:

⁶ Medeiros, M. Poesia reunida. P. 135.

*“Toda mulher tem um homem que se foi
Um homem que a deixou por outra
Um homem que a deixou por um câncer
Um homem que nem mesmo a notou
Um homem que a deixou por um ideal
Um homem que sumiu num temporal
Um homem que não passou de dois drinques
Toda mulher tem um homem que se foi
Um homem que foi pego em flagrante
Um homem que prometeu um brilhante
Um homem que saiu pra jogar
Toda mulher tem um homem
Que esqueceu de voltar” (MEDEIROS, 2010. p.128)*

Toda mulher tem um homem, mas nem todas falam. E Martha fala, através de sua escritura desvestida e sem nenhum pudor; do desencanto, do desamor, do que não se realizou, da frustração.

*“Eu tinha por ti amor
E ainda não havia lido
Nem escrito nem vivido nada igual
Eu tinha por ti um sentimento
Que não havia sido previsto, intuído
Não havia sinal de reconhecimento
Por isso ainda deixo a porta aberta
Não entra você, entra o vento
Todo amor desconhecido
Precisa se entender com o tempo” (MEDEIROS, 2010. p.129)*

Concordo ser difícil para nós mulheres nos expormos assim, mostrarmos nossas fraquezas, nossos deslizes. E Martha, através da poesia, enforma esta temática com tanta delicadeza e veracidade, que é impossível a não interação e, talvez, comunhão com seu leitor. Essa interação não necessita de fórmulas, teorias ou grandes ideologias para fazer-se perfeita. Apenas verdade, como deve ser e conter a vida, como deve vestir-se o amor.

“Nenhuma mulher se sente / amada o suficiente / desista.”⁷

Inês Lourenço:

Se inundada de sentimento e consciente do uso que faz do poema como receptáculo de sensações, a escritura de Martha Medeiros, por outro lado, a poética de Inês Lourenço encontra-se muito distante de tais características, pois o próprio poema é sua alma ofuscada pelo brilho do real. De acordo com Valério Oliveira,⁸ e nas palavras da própria autora, sua poesia é sempre o desfazer do lugar-comum, do clichê estafado; é sempre outro olhar sobre as coisas, os seres, as circunstâncias do mundo; uma grande

⁷ Medeiros, M. Poesia reunida. p. 124

⁸ Rascunho – Jornal de Literatura. (virtual)

forma de reinvenção. Por outro lado, Martha Medeiros reinventa-se no crivo de sua poesia, que não passa da própria fala, da fala da mulher em estado de ebulição. Vejamos a expressão do feminino em Inês Lourenço: “O sexo no poema de Inês não é mais a remota conjunção carnal dourada e idealizada dos beletristas de régua e compasso ou dos trovadores (...). No poema de Inês, o sexo voltou a ser algo cru e cruel, cópula (...) o tratamento vulgar do ato fisiológico mais vulgar é, entre outros tratamentos intratáveis, na opinião do público esnobe e afetado, o resultado mais autêntico que se deve esperar dos escritores que, de fato, fazem da própria vida a manifestação do sagrado”⁹. Não estaria o ato fisiológico muito distante da poesia, do erótico, do verdadeiro, da emoção? Pensando-se na questão do código lingüístico enquanto suporte da mensagem poética nas duas autoras, na escritura de Martha Medeiros nota-se toda a fluidez de maneira natural e despreocupada, por que passa sua mensagem úmida e inundada de subjetividade. Já, para Inês Lourenço, a autora utiliza-se desse código de maneira objetiva, apoiando-se em sua materialidade, levando sua poética a um movimento de construção/reconstrução carnal, da carne da palavra.

*“Desconfio dos poetas
Que falam muito de luz, das
Manhãs e das árvores
Na sua obsessão hospedeira
De frutos aves e
Folhas. Desconfio dos que cantam
Lareiras e vozes mansas, tentando
Apaziguar o poema com a sua
Indústria de incensos. Eles
Encenam como velhos profetas
Tardias formas de beleza
Extinta – e fazem do verso
Um ritual nado-morto
De pequenos afectos,
Indiferentes à faca
Incandescente que separa
O corpo das palavras
Da substância do mundo.”
(LOURENÇO, 2005. p.11)*

É como se a escritura de Inês Lourenço se utilizasse da forma para obscurecer o essencial. Como isentar de representação a vida, a substância do mundo? Notemos que, de 2005 a 2011 as palavras em sua *ars* poética tomam cada vez mais a forma do sentimento informe, enfim do sentimento humano, do erótico do amor.

*“O novo amante
Talvez só uma forma de desordem
Nos gestos quotidianos.”*

⁹ Oliveira, Valério. Jornal *O Rascunho*. (virtual)

(LOURENÇO, 2007. p.47)

“O melhor amante

*Feito de homem, de mulher, de tempo, de
Ilesos animais. Também de luxúria e de preguiça, os pecados predilectos.*

Alguma

Justa ira e uma crença inteira

Na sua amante inexistência.”

(LOURENÇO, 2007. p.54)

Não seria subjetivo demais falar de amantes, o nome já diz; os que se amam. E, num crescente cronológico de 2005, em **Logros consentidos**, passando por **A disfunção lírica** de 2007 e chegando em sua **A enganosa respiração da manhã**, chegamos em seu poema **“Uma arte da paixão”**:

*“Há uma espécie branca
De paixão, que nasce com
O poema, com o cuidado
Implacável de negar as palavras
À mudez do instante. Este cuidado
Está inscrito no sangue do poeta,
Na arte de acumular na pele
Dos sentidos, milhões de impulsos
Verbais, para que uma palavra
Enraíze e construa um verso
Que possa dar notícia do fremito
Imperceptível de uma ave, mesmo
Na rasura da penumbra, onde
Se pode inventar o rosto do amado,
A inclinar-se na janela do olhar
Encostado ao corpo da cidade
Que nos habita e vai ficar
Para além de nós, nessa descida
Até a margem de um rio
Onde só o poema
Consegue transgredir
As inexoráveis águas.
(LOURENÇO, 2000. p.47)*

Percebemos que a tentativa de Inês, ao demandar todo o poder do sentimento, da paixão, do erótico-amoroso à plasticidade das palavras, ao discurso em si, neste momento, cai por terra, pois seu eu poético já inundado pelas águas da paixão, inunda também seu leitor, estupefato com tamanho sentimento. Podemos perceber, então, a queda da imanência perante a transcendência.

*“Sim à harmoniosa proporção,
À linha do pescoço na teia
Esvoaçante dos cabelos, ao dorso
Flexível, no ímpeto animal dos passos.*

*Sim ao desafio fascinado dos olhos,
Na incerteza noturna do horizonte.”
(LOURENÇO, 2000. p.51)*

Aqui, como se debatendo em águas rasas, Inês Lourenço trava uma batalha entre forma e conteúdo, entre o que se mostra e o submerso tal qual um iceberg.

A proporção do corpo, da forma (do poema) não existe sem a incerteza de enxergar algo num horizonte noturno. Eis a fusão.

Tanto “dorso” como “ímpeto animal” e “desafio fascinado dos olhos”, remete o leitor à plasticidade do poema, isenta de emoção? Pelo contrário, Inês Lourenço desaperta o cinto o qual ela mesma colocou, e é louvável isto, ao expressar pela palavra, que, no caminhar cronológico de sua escritura, deixa de tentar sobrepujar todo o encanto da emoção que carrega em sua carne. Existe poesia apenas matéria? Nas palavras de Ferreira Goulart, a poesia é o movimento de trazer o belo a um mundo não tão belo assim. Então, por que explicar, através da poesia, que o mundo não é tão belo assim? “O mandamento primeiro da paixão: a colheita da tua face.”¹⁰ E a qual face estaria se referindo nossa poeta? Entendemos, portanto que a poética de Inês Lourenço, longe de possuir uma carga erótico-emocional menos densa que a de Martha Medeiros, utiliza-se do código enquanto escudo, talvez por medo de saber o resultado da abertura dessa comporta, dessa grande comporta líquida pela qual fluiria todo o sentimento, toda a emoção, tão fugaz e ameaçadora a qualquer um de nós. Estaria a escritura de Martha Medeiros aquém da poética de Inês Lourenço, somente pelo fato de não compartilhar tal construção lingüístico-estrutural? Afinal estamos falando de poesia, de escritura feminina, da expressão do sentimento como também de construção formal. A poesia, impossível se não esbarrasse no encanto, no fantasioso, no sublime. A poesia existe para suprir a falta, a própria falta de poesia numa estrutura que já não guarda tanto lugar para ela. Por que inundar com as lamas do fel ou com os destroços erosivos de um mundo já tão desconstruído, a pétala fina e delicada da poesia? O indizível, o insuspeitado, o que arrepiava e nos torna mais ternos, isto sim é alma, isto sim é poesia; o resto, arquitetura inodora de palavras.

E eu termino com Inês Lourenço:

*“Para um corpo
Procurei os sentidos*

¹⁰

Idem. p. 2s

*Da água corrente, da pedra submersa, do arder
Da lenha, do som de passos na areia.
A todas essas riquezas fugidias
Chamei alma.
(LOURENÇO, 2010. p.55)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LOURENÇO, Inês. A disfunção lírica. Lisboa: Edições Culturais do Subterrâneo, 2007

_____ **A enganosa respiração da manhã.** Porto: Edições Asa, 2002.

_____ **Coisas que nunca.** Lisboa: Edições Culturais do Subterrâneo, 2010.

_____ **Logros consentidos.** Lisboa: Edições Culturais do Subterrâneo, 2005.

_____ **Um quarto com cidades ao fundo** (poesia reunida 1980-2000). Vila Nova de Famalicão: Quase Edições, 2000.

MEDEIROS, Martha. Cartas extraviadas e outros poemas. Porto Alegre: L & PM, 2010.

_____ **Fora de mim.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____ **Poesia reunida.** Porto Alegre: L & PM, 2010.

_____ **Trem-bala.** Porto Alegre: L & PM, 2010.

PASTORE, Cláudia. Falas femininas – Eros e poesia. São Paulo: Nela: 2009.

PEASE, Allan. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? (Trad. port. de Neuza Capelo). Rio de Janeiro: Sextante, 2000

ⁱ CLAUDIA PASTORE: Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. USP/SP. UNIP-S. P. – ICSC
UniAnhanguera – Osasco -